

Aprendizagem pela Conversa num Espaço-entre

Workshop promovido pelo grupo Espiral, Graal de Coimbra



Casa da Esquina, Coimbra

18 de junho de 2016

Qual é o ‘tom’ de uma espiritualidade ‘graal’? Aprendizagem pela Conversa num “espaço-entre”

Marijke de Koning

Workshop promovido pelo grupo Espiral, Graal de Coimbra
Casa da Esquina, Coimbra, 18 de junho de 2016

Fotografia da capa

(De cima para baixo, fila da esquerda) Sónia Rodrigues, Ana Costa, Lídia Martins, Fernando Luís Gardé e Henrique Gardé, Teresa Nunes.

(De cima para baixo, fila do meio) Cristina Porfírio, Helena Porfírio

(De cima para baixo, fila da direita) Dora Cabete, Isabel Varandas, Alice Fernandes, Marijke de Koning, Maria Neto

Qual é o ‘tom’ de uma espiritualidade ‘graal’? Aprendizagem pela Conversa num “espaço-entre”

Marijke de Koning

Workshop promovido pelo grupo Espiral, Graal de Coimbra
Casa da Esquina, Coimbra, 18 de junho de 2016

Espaço-entre

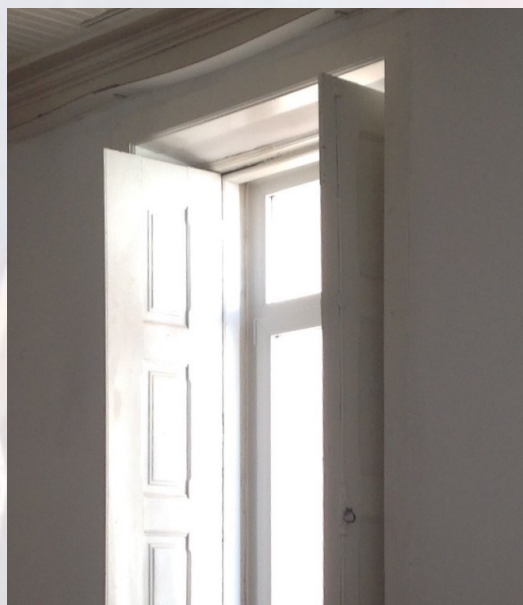
A iniciativa *Espaço-entre* foi formulada no fim do ano 2014 no âmbito do programa Raízes, Chão e Horizontes – Círculos e percursos de Literacia Criativa e recíproca, programa iniciado em 2012 no Centro do Graal na Golegã.

No espaço-entre procuramos explorar as sinergias existentes e explorar o espaço em torno de nós, que muitas vezes ainda funciona como limitação de fronteiras que não fazem sentido, nomeadamente entre pessoas e organizações que colaboraram enquanto entidades parceiras. É uma tentativa de superar (como organizações) o sentimento de “propriedade” das nossas atividades. É um processo de desenvolvimento de formas de pensar e de agir num tempo vivido com novas condições culturais e biográficas, a nível local e global.

O *pensar-entre* poderá aqui encontrar um novo contexto e constituir uma dinâmica inspiradora. O objetivo é estimular a continuidade de comunicação entre pessoas e entidades e a organização de novas estratégias numa dinâmica *entre*, o menos possível “institucionalizada”.

É necessário abordar o *entre* num sentido filosófico, isto é, como um espaço a ocupar de uma forma sentida e refletida. Maria Helena Varela, inspirando-se em Deleuze, defende que a questão que se deve colocar à filosofia não é mais a questão sobre as origens, nem sobre o destino, mas sim, seria pertinente perguntar "O “eu se passa entre?” (Varela, 1998: 503). O presente é, por definição, um *tempo-entre*. Rosi Braidotti pergunta, em 2010, no final de uma comunicação intitulada “Cartographies of the Present”:

Como podemos ser dignos dos tempos em que vivemos? Como nos empenhar com o presente no modo de resistência? Resistência sem negatividade. Como construir a intimidade entre nós e o mundo em que vivemos? <http://vimeo.com/24517619>



Qual é o ‘tom’ de uma espiritualidade ‘graal’? Aprendizagem pela Conversa num “espaço-entre”

Marijke de Koning

Workshop promovido pelo grupo Espiral, Graal de Coimbra
Casa da Esquina, Coimbra, 18 de junho de 2016

A relação de afeto entre pessoas é a base da democracia. Porque é em relações de afeto que as pessoas aprendem como se podem relacionar de uma forma ética com a alteridade. Segundo Luce Irigaray há nestas relações espaço para acomodar a negatividade e a agressividade. Tonja van den Ende, Luce Irigaray tenta sair das abstrações sobre a vida boa (em sociedade) para chegar ao cerne da conversa capaz de iniciar a reflexão sobre as questões formuladas mais acima por Rosi Braidotti: “o que significa para ti e para mim viver bem e como podemos fazer isto em conjunto” (Ende, 1999, 10). “É preciso começar ‘de baixo para cima’, a partir de relações concretas entre indivíduos” (ibid.: 11). Os modos de lidar com diferenças para chegar a igualdades formam a base da democracia. É preciso proporcionar espaços de conversa *entre* pessoas muito diferentes, para poder redefinir o que constitui o “humano” (Köning, 2014: 144).

Espaço-entre enquanto espaço em branco?

O conceito *espaço em branco* (whitespace) foi recuperado das artes gráficas para a praxis educativa por Ine van Emmerik, membro do Graal e investigadora e diretora da empresa holandesa de formação e consultadoria *Extravaleren*, empresa parceira no *Programa Literacia Mulheres Liderança* da Fundação *Cuidar o Futuro*. Ine van Emmerik utiliza o conceito como metáfora na sua investigação sobre *processos lentos de aprendizagem* com profissionais. Num texto escrito, ou em fase de construção, o espaço em branco é o espaço não utilizado entre palavras, entre frases ou blocos de texto. Constitui o fundo, branco ou de outra cor. Graficamente é o espaço que permite realçar também imagens. É o espaço indispensável à criação. É o espaço que permite não ocupar todo o espaço.

Neste meu texto, o espaço em branco é constituído pelo espaço entre textos. Parar neste espaço permite trazer o fundo à superfície e dar-lhe relevo. Não se trata somente de ler entre as linhas, mas sobretudo de “ler” o que está “atrás”, “debaixo” ou algures entre os textos. Lendo o que os textos não dizem, “esquecem”, ocultam ou “não sabem”. Permite encontrar subtextos.

Qual o sentido para nós de um *espaço-entre* ou *espaço em branco* no Graal?

Marijke de Koning

Qual é o 'tom' de uma espiritualidade 'graal'? Aprendizagem pela Conversa num "espaço-entre"

Marijke de Koning

Workshop promovido pelo grupo Espiral, Graal de Coimbra
Casa da Esquina, Coimbra, 18 de junho de 2016

1 Conceitos subjacentes à metodologia da Aprendizagem pela Conversa explicitados pela Marijke

1.1 Aprendizagem pela conversa (*conversational learning*)

- Autores: Baker, Ann C.; Jenson, Patricia J., & Kolb, David A. (2002). *Conversational learning: an experiential approach to knowledge creation*. London: Quorum books.
- Conceito-chave: "autonomia relacional"
 - A autonomia faz sentido na relação com os outros. Somos livres no espaço entre outros, com as regras que os outros sentem necessárias para o convívio.
 - Implica a capacidade de aceitar os pontos de vista desviantes, as experiências desviantes.
- Processo
 - Na Aprendizagem pela Conversa há tensões, há dialéticas que é necessário saber gerir. E há questões subjacentes ao seu processo, por exemplo: Como se mantém a dialética reflexão-ação?
 - Há recursos tácitos, isto é, há experiências, conhecimento, que nem sabemos que sabemos.
 - Há estilos de participação/intervenção diferentes: há quem goste muito de falar ocupando todo o espaço *entre*, há quem intervenha apenas quando solicitado. Há que saber equilibrar o individual e o coletivo.

Qual é o 'tom' de uma espiritualidade 'graal'? Aprendizagem pela Conversa num "espaço-entre"

Marijke de Koning

Workshop promovido pelo grupo Espiral, Graal de Coimbra
Casa da Esquina, Coimbra, 18 de junho de 2016

2 Leitura individual silenciosa de textos selecionados pela Marijke

2.1 Jeanne Planke. (1962). *The Grail: a meeting place. Grail Review. Vol. IV, N. ° 3.* (excerto)

For it seems to me that here is the real starting point of the Grail, that little feeling within me or you, that tiny flame of desire that spurts up because we sense that there is more meaning still in our life and our world than we have yet responded to. This is a necessary starting-point, for no one has a duty to belong to the Grail; it is a free coming together of women who have discovered that they care about the same things. When some element of this common caring is discovered one can draw closer, not to receive ready made answers, but in order to join in a common search and a common work.

But what exactly is this desire that unites us and which keeps urging us on from within?

2.2 Maria de Lourdes Pintasilgo: notas dispersas (colhidas pela Marijke no espólio)

Notas 1 (1965, 1975)

Notas dispersas sobre o Graal de Maria de Lourdes Pintasilgo

L'esprit du Graal n'est pas une spiritualité tout court. C'est une spiritualité incarnée dans un groupe existentiellement bien défini.

In *Rencontre initiation Graal*, 5 – 8 Set. 1965

Não é o Graal todo ele uma expectativa?

Não é o Graal um "être tendu vers"...?

Não é o Graal uma visão do horizonte último da existência?

Não é o Graal a aceitação do passado e a vivência inteira do presente tornadas possíveis pela irrupção do futuro no meio de nós?

In *Graal – advento 1975*

Qual é o 'tom' de uma espiritualidade 'graal'? Aprendizagem pela Conversa num "espaço-entre"

Marijke de Koning

Workshop promovido pelo grupo Espiral, Graal de Coimbra
Casa da Esquina, Coimbra, 18 de junho de 2016

Notas 2 (sem data)

Notas da Maria de Lourdes de uma "fala" da Rachel (sem data)

The Grail – a community. Not a static element, not a sociological reality. Spirit.
Community. Conspiracy!

- A spirit embodied in us together. Aspire, conspire – together
- Father van Ginneken – a worldwide conspiracy of all, with all, around Christ.
- Togetherness in the same convictions for a purpose in a personal engagement, a mutual trust + dependence of each other, shared responsibility, taking risks in hope, till the end!

(...) What is special about the Grail community?

- international scope of our communion
- conspiracy which reaches out to all who cross our path
- no isolation, no closeness
- it is open-ended
- it reaches out always to new people

Notas 3 (sem data)

Notas soltas

Tornamo-nos (o inédito de nós mesmos)

Buts du Graal: une communauté témoinante de la capacité d'être relationnel avec d'autres/entre nous/avec le Christ

Chercher Dieu c'est se rencontrer soi-même, dans sa propre vérité.

Qual é o 'tom' de uma espiritualidade 'graal'? Aprendizagem pela Conversa num "espaço-entre"

Marijke de Koning

Workshop promovido pelo grupo Espiral, Graal de Coimbra
Casa da Esquina, Coimbra, 18 de junho de 2016

2.3 Maria de Lourdes Pintasilgo. (2001). Introdução. Anselmo Borges, *Janela do (in)visível*. Lisboa: Campo das Letras.

O terceiro eixo do livro "tempo, morte, esperança" atravessa-nos face à relação quotidiano/eternidade. Quantas vezes será preciso clamar que a eternidade é já aqui? Que com a nossa vinda à vida se abriu a eternidade para o ser que somos e que nela já caminhamos mesmo sem darmos por isso? Se pensássemos bem nessa dimensão do quotidiano como mudaria a nossa vida! A eternidade hoje é um convite ao melhor do que sabemos ser e fazer. E ser, fazendo. É fazer, sabendo que aí o ser desabrocha. Ponho neste verbo 'fazer' a força do 'agir' – que é precedido pelo estudo, pelo discernimento, pela escolha lúcida e que se manifesta nas palavras, nos gestos, nas obras, na convicção de que o 'trabalho', entendido na forma mais comum de 'emprego', só faz parte deste 'agir' se com ele se construir a eternidade. Por isso me parece tão contrária à fé esta 'cultura do cansaço' em que o homem moderno se move (a não ser, é claro, que seja um génio e nos fale do seu 'íssimo, íssimo cansaço'...)

A morte quebra esta presença de eternidade? Mas, di-lo de mil maneiras o Autor, não será a morte uma mudança de coordenadas no tempo? E abre-se em esperança o que parece ruptura quando o mesmo nosso génio diz que 'a morte é a curva da estrada/morrer é só não ser visto'...

15

Finalmente é no eixo "corpo e transcendência" que o livro realiza de forma mais incisiva a incarnação da Fé na realidade humana. O problema não é 'ter um corpo' (como se de um qualquer direito de propriedade se tratasse para uma alma que lhe fosse exterior). Não tão-pouco 'ser um corpo' (como se tudo se reduzisse ao processo bioquímico da existência). Pois não é no corpo que tudo o mais tem lugar? Não é pelo corpo que comunicamos, agimos, rezamos, pressentimos a presença de Deus anterior a todas as coisas? A questão é que, neste mundo em que existimos, só conhecemos, pensamos, agimos, amamos, através deste corpo. E aí se manifesta também a Fé. E voltam a ter sentido palavras vindas do fundo dos tempos e não de qualquer atitude moralista. A atitude sem critério – tão frequente na nossa sociedade – de que tudo é 'natural', é posta em causa pela grandeza da transcendência que o ser humano é capaz de experimentar e assim viver o tempo como eternidade, vencer a morte, deixar que a esperança – que está para além da expectativa e do desejo – tudo venha a iluminar.

É isso que consegue este livro do P.º Anselmo Borges. Lido à volta dos seus grandes eixos ou simplesmente ora aqui, ora ali, ao sabor da ressonância que tem no 'legente' um título, uma palavra que se solta do texto. Não nos preocupemos com a sequência. Talvez, numa segunda leitura, queiramos encontrar o fio, voltar a ser sistemáticos. Por agora fiquemos-nos nessa possibilidade que se nos abre. E que este livro é uma oferta a cada um de nós. Vamos, por isso, 'desembrulhá-lo' lentamente e teremos a surpresa e o gosto de quem vai saboreando a prenda que recebeu.

Maria de Lourdes Pintasilgo

16

Qual é o 'tom' de uma espiritualidade 'grail'? Aprendizagem pela Conversa num "espaço-entre"

Marijke de Koning

Workshop promovido pelo grupo Espiral, Graal de Coimbra
Casa da Esquina, Coimbra, 18 de junho de 2016

2.4 Rachel Donders. (1988). *The Grail – A Faith Community. Past, Present and Future* (pp. 14-16). (Talk at the IGA, Tiltenberg, Holland).

Our faith-dimension. You may ask, what is that new faith-dimension? What is faith for you?

Gone are the days when the answer would be an easy recital of the Creed: "I believe in one God, the Father Almighty..." (Don't worry, I do recite the Credo with my fellow Catholics at Mass!) But there is something deeper underneath those words: there is my deepest self, my own experience.

In the last years, I have been especially inspired by two quotations, which satisfy me profoundly in relation to the question, "What is faith for you?" One is from Charles Davis, in his book What is Living and What is Dead in Christianity Today? The other is from Bernard Lonergan, one of the great theologians in America.

From Charles Davis: "Faith is the experience of a reality, felt in the darkness that surrounds human existence."

I can say yes to that. It is an answer that satisfies me. Faith is not just a creed, faith is an experience. It is the experience of a mystery, the great Mystery that surrounds us and which inhabits us, the Ground of our being, my being, your being.

It is a personal experience, an interior experience. It integrates the whole of life. It is a universal experience, too, not particularly Christian, but given to all who sincerely seek. It is the undercurrent in all the great religions and even in art and science. And it is the deepest reason for hope...for there is a follow-up. And here comes my next quotation (from Lonergan): "Faith (that inward experience of the Mystery) places human life in the horizon of the Transcendent." It places my whole life, all life, towards a future. I love that image of the horizon! My life has a horizon, a vision--again--the far and high spiritual good of the Grail saga! And that horizon is not a line, a wall, a hazy cloud; it is the openness of the transcendent; it is the same Mystery which I experience in the depth of my being, calling me from Beyond, from the Future. That is the "extremism of religiosity": all is taken up in the experience of the Mystery.

That is for me personally the faith-dimension now. Maybe you recognise yours in this, although you may express it differently?

Qual é o 'tom' de uma espiritualidade 'grail'? Aprendizagem pela Conversa num "espaço-entre"

Marijke de Koning

Workshop promovido pelo grupo Espiral, Graal de Coimbra
Casa da Esquina, Coimbra, 18 de junho de 2016

- The second is to become more relevant to our time and to a new generation, in our language, our structures, our methods. This asks for study, openness, reflection, exchange, new initiatives, new forms. It asks for creativity in our programmes, in the symbols we use. Let us not put old wine in new skins...and let us give a chance to the creative talents among us, and to the daring ones!

- The third challenge I see is the need of the Grail for expansion, for growth. If we want to be meaningful for the world in the next period (12 years?? till the year 2000?), we have to reach out to new regions, geographically and spiritually. That too would ask creativity and trust. The dynamic elements and figures among us must be given a chance. I do not mean to say that they do not have a chance, but maybe they could be more challenged by the community and their efforts could be more channelled. We have a Network for Formation--why not a Network or a committee or whatever for EXPANSION? We need to GROW!

I must end.

How?

So many words have been used; so many waves have gone around our ears and our minds. Let me ask you to turn inwardly now for a few moments, to be silent together, after these many words. Let us enter into the faith dimension in which our lives are placed, remembering what Meister Eckhart says:

"THERE IS NOTHING SO MUCH LIKE GOD AS SILENCE."

And I beg you all, sitting here as representatives, for now and for tomorrow, please try to be genuinely Grail! Respond to the challenges before us!

I myself see in this time a three-fold challenge, connected with our orientation to a future.

- The first, as I said just now, is the challenge of building our faith-community. Concretely that means coping with our pluriformity in all the expressions of our faith. But not only coping with it, or suffering it, or just living with it, but fully accepting and even embracing it. The whole world is a world of pluralism, hiding a tremendous richness. Why should the Grail be a dull monolithic bloc? Anyhow, we will never be able to go back to uniformity--not in the world, not in the Church, not in the Grail.

Somewhere I read that there are three ways of dealing with pluralism as a problem: by conforming; by co-existence; and by convergence. Am I right to think that we are somewhat in the realm of co-existence? Are we inclined to think, "You, Grail group, you do it that way; we in our Grail group do it this way. You think thus; we think so... that's just how it is!" Of course, this is already something; we allow each other to be and to think differently. But we must go further. There must be more interaction, more inter-penetration. The Networks are in that line. And that means there are some great qualities we have to develop: trust and communication. Communication in trust. That is the first challenge I see.

3 Espaço-entre ou espaço em branco em torno do tema “Qual é o ‘tom’ de uma espiritualidade ‘graal’?”

☪ Dora

O texto de Rachel Donders fez-me lembrar Tomáš Halík¹, o autor de *O meu Deus é um Deus ferido*, porque ele sublinha a importância de quem faz perguntas, de quem questiona. S. Tomé, por exemplo, foi quem pediu provas, algo visível para acreditar: “Se és mesmo Jesus, mostra-me as tuas chagas.” Por outras palavras, a Fé enquanto experiência, vivência, enquanto partilha.

☪ Helena

E acho que é essa experiência iniciática, vivenciada, que é uma das tonalidades do Graal, que alia Beleza, Estética, Ética.

☪ Cristina

O texto de Rachel é avassalador. Identifico-me com quase tudo o que ela diz. A Fé como experiência é, para mim, uma evidência. E deixa muitos desafios: ela fala da pluriformidade e não apenas em aceitar essa diversidade, mas ir para além disso. Isto é fundamental nos dias de hoje. Uma das condições para essa aceitação é “communication in trust”: se as pessoas não se sentirem seguras, não vão partilhar nada.

☪ Dora

Quanto à questão de a Fé ser uma partilha, acho que sim, mas primeiro tem de ser algo individual, conhecermo-nos profundamente.

☪ Alice

É no dizer ao outro, no confronto com o outro, que eu me apercebo do que sou. A Fé é algo que se partilha.

Qual é o ‘tom’ de uma espiritualidade ‘graal’? Aprendizagem pela Conversa num “espaço-entre”

Marijke de Koning

Workshop promovido pelo grupo Espiral, Graal de Coimbra
Casa da Esquina, Coimbra, 18 de junho de 2016

● Sónia

Podemos refletir sobre a Fé, formular definições, equacionar caminhos, manifestá-la por gestos, palavras e atos conscientes de que somos pessoas que creem. Podemos ainda meditar sobre a intensidade da nossa Fé, graduando-a e comparando-a com a de outros à nossa volta. Estaremos na ordem do pensar, vivemo-la com a consciência dela. A Fé, contudo, torna-se intensa e verdadeiramente estruturante quando passa da ordem da intelectualização para a Vida, quando se abandona o questionamento sobre a Fé e se passa a viver da Fé, cada minuto de cada dia. É nesse limite da experiência vital de cada um que a Fé nos segura pelos braços e nos faz levantar da cama, arrastados pelas horas do dia, para cumprir o que nos é dado viver. É aí, nessas horas e minutos de absoluta solidão, em que o diálogo connosco próprios se divide entre sobrevivência ou desistência, que a Fé emerge firme, sólida, inabalável e nos impele para a sobrevivência, impedindo-nos de soçobrarmos a essa feroz tentação do deserto que é o apelo da morte, da desistência, do *des-[ex]istir*. A Fé obriga-nos a viver e a acreditar que o único caminho é viver, apesar das cicatrizes.

Uma das dimensões do Graal que mais me inspira encontra eco nas reflexões de Maria de Lourdes Pintasilgo sobre o valor do trabalho. Na introdução ao livro de Anselmo Borges, a conceção do “trabalho do Homem” regressa (já noutros escritos Maria de Lourdes reflete sobre este tema). Este “trabalho do Homem” que concretiza a eternidade, que a torna ato, por isso, atual. Estas palavras têm tanto sentido para mim: “a eternidade é já aqui”, “A eternidade hoje é um convite ao melhor do que sabemos ser e fazer”, “ser, fazendo”, “fazer, sabendo que aí o ser desabrocha”, “o ‘trabalho’, entendido na forma mais comum de ‘emprego’, só faz parte deste ‘agir’ se com ele se construir a eternidade”. É esta presentificação do eterno, do ideal das cidades futuras, tornado presente por meio de um trabalho, um agir aqui e agora que convoca o cuidado, porque é “precedido pelo estudo, pelo discernimento, pela escolha lúcida”, que caracteriza uma das tonalidades da espiritualidade do Graal. Este estudo – leitura atenta, refletida, coletiva de textos, de livros, de filmes, do mundo –, este discernimento – reflexão em grupo, escrita, aprendizagem pela conversa –, esta escolha lúcida dão às palavras, aos gestos e às obras do Graal uma beleza (Estética) e uma profundidade ética que *comovem*, no sentido literal do termo, *co-movere*, fazem mover em

Qual é o ‘tom’ de uma espiritualidade ‘graal’? Aprendizagem pela Conversa num “espaço-entre”

Marijke de Koning

Workshop promovido pelo grupo Espiral, Graal de Coimbra
Casa da Esquina, Coimbra, 18 de junho de 2016

conjunto, com os outros. Tornamo-nos mais fortes porque não estamos sós, somos muitas na construção de cidades futuras.

Helena

A *conspiração*ⁱⁱ, de que Maria de Lourdes nos fala nas notas dispersas, lembrando a etimologia da palavra.

Maria Neto

A partir da introdução do livro de Anselmo Borges, direi que a espiritualidade Graal é:

- encontrar sentido para a minha vida, é abrir-me, encontrar-me como pessoa, numa dimensão experiencial de abrir o coração, pensar com o coração;
- o espaço entre, que eu sinto no Graal: sinto-me mulher, para potencializar ser mulher e ser compreendida como mulher; e isto tem-me ajudado a construir a espiritualidade;
- a eternidade que é um convite ao melhor que somos capazes de ser e fazer; hoje procuro ser enquanto faço; este texto de Maria de Lourdes Pintasilgo vem dar-me consolo;
- convergência, compromisso; convergência no nosso agir, que é comum, para construir algo que não conseguimos fazer sozinhas; e é a transformação pessoal que vai permitir transformar o mundo;
- *compaixão*ⁱⁱⁱ no sentido de ‘paixão em comum’; temos em comum gostarmos das pessoas, gostarmos da Vida, acharmos que há lugar para todas as diferenças neste mundo; é agindo, é trabalhando que transformamos o mundo; a Maria de Lourdes Pintasilgo não está fora do mundo. Não. Está implicada no agir.

Qual é o ‘tom’ de uma espiritualidade ‘graal’? Aprendizagem pela Conversa num “espaço-entre”

Marijke de Koning

Workshop promovido pelo grupo Espiral, Graal de Coimbra
Casa da Esquina, Coimbra, 18 de junho de 2016

Ana

Fernando Pessoa diz “O difícil é outrar-se.”^{iv} De facto, outrarmo-nos é difícilimo. Sinto que, hoje, há palavras que já estão esvaziadas, palavras como ‘amor’, ‘fraternidade’, ‘compaixão’.

O Graal tem um manifesto: “A forma como vivemos não é irremediável”. Os escritos de Maria de Lourdes Pintasilgo estão muito à frente do seu tempo, parece tudo pensado para hoje. Ouvimos algumas palavras, algumas sonoridades, e pensamos como estão gastas as palavras.

Marijke

É importante redizer, reescrever as palavras.

Isabel

É curioso lembrarmos a origem das palavras. A palavra ‘amor’ pode ser o *ágape*, isto é, o amor dom, que é distinto do amor chamativo, de natureza física (*eros*).

Lídia

É sempre bom ler textos com muitos anos de idade e verificar que são atuais. Isso acontece com a Maria de Lourdes e com a Rachel. Identifico-me com a espiritualidade tal como ela é abordada, como pluralismo. Mas não é uma aceitação contrariada, não. É uma aceitação natural. Trata-se de viver a pluralidade. Há nestes textos três palavras que também surgem na Aprendizagem pela Conversa: comunidade, conformidade, convergência.

Senti sempre que a Fé é algo individual. É um privilégio ter Fé. A sorte que é! É uma força que nos ajuda.

A questão de juntar o corpo à espiritualidade e à transcendência e a questão de trazer a eternidade para o presente são dois desafios para a mudança. Hoje aprendi a ver a conspiração como algo de bom, como algo do Graal e algo bom.

Qual é o ‘tom’ de uma espiritualidade ‘graal’? Aprendizagem pela Conversa num “espaço-entre”

Marijke de Koning

Workshop promovido pelo grupo Espiral, Graal de Coimbra
Casa da Esquina, Coimbra, 18 de junho de 2016

 Alice

A espiritualidade do Graal fez emergir em mim o que é indizível, desperta em nós algo que não sabemos que está lá, faz-nos viver algo que não sabemos, mas eu, por vezes, parece despertar algo que fica em semente, que depois pode emergir em qualquer situação. Vai para além dos momentos vividos, as janelas do (in)visível e as janelas do (in)dizível.

 Isabel

No Graal, dizemos palavras e reaprendemos os sentidos de palavras que não usamos habitualmente nos nossos trabalhos.

Qual é o 'tom' de uma espiritualidade 'graal'? Aprendizagem pela Conversa num "espaço-entre"

Marijke de Koning

Workshop promovido pelo grupo Espiral, Graal de Coimbra
Casa da Esquina, Coimbra, 18 de junho de 2016

4 Stillpoint (ao som da música *Memoria*, de Dominique Corbiau)

<https://www.youtube.com/watch?v=JW1gycnc3s8>

Vivo minha vida em círculos em expansão
que sobre as coisas estão a passar.
Talvez não consiga ao último cumprimento dar,
mas vou tentar com determinação.

Ando à volta de Deus, da torre ancestral,
e ando há milénios sem repouso;
e ainda não sei: sou um falcão, um vendaval
ou um cântico grandioso.

Rainer Maria Rilke (2009). *O livro da vida monástica*, p. 29.

Leitura de Marcell Braekers in *Mestre Eckhart, Místico do saber que não sabe*

A história da salvação é uma consciência crescente de quem Deus é, mas ao mesmo tempo esta consciência é interrompida para que se cante o ser-outro de Deus. Quanto mais concreta for a imagem, maior o esforço de ir além da representação da infinitude de Deus. A mística de Eckhart luta com esta tensão que descreveria como uma tentativa impressionante de ir além da representação e do conhecimento baseados na experiência para chegar até um entender directo e intuitivo.

SILÊNCIO

ORAÇÃO (inspirada no Acto de Fé de Marcel Braekers)

Fazei-nos aceitar, ó Deus, que nunca Te iremos compreender, que escapas a toda a imaginação.

Fazei-nos confiar, ó Deus, que Tu és e que nos acompanhas, que nos escolhes incondicionalmente.

Sempre diferente, sempre o Outro, nuvem-sombra durante o dia, ponto de luz na noite escura, amor que desagua no universo.

Qual é o ‘tom’ de uma espiritualidade ‘graal’? Aprendizagem pela Conversa num “espaço-entre”

Marijke de Koning

Workshop promovido pelo grupo Espiral, Graal de Coimbra
Casa da Esquina, Coimbra, 18 de junho de 2016

ⁱ Tomáš Halík nasceu em Praga, em 1948. É padre católico, teólogo e professor de Sociologia e Filosofia da Religião na Universidade Charles, em Praga. «Tomáš Halík licenciou-se em Ciências Sociais e Humanas, em 1972, na Universidade Charles, Praga. Pouco depois iniciou, clandestinamente, a formação superior em Teologia, que veio a concluir, já depois da queda do muro de Berlim (1989), numa importante universidade pontifícia de Roma. Foi perseguido durante a ocupação comunista como “inimigo do regime”. Trabalhou como psicoterapeuta numa unidade de acompanhamento a toxicodependentes. Em 1978, sempre na clandestinidade, foi ordenado sacerdote e tornou-se um dos assessores mais próximos do cardeal Tomášek, figura emblemática da chamada “Igreja do Silêncio”. Com o fim do Comunismo, foi nomeado conselheiro do presidente Václav Havel e, posteriormente, Secretário-Geral da Conferência Episcopal Checa.» (extraído da página do Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura).

É autor de várias obras: *Paciência com Deus – Oportunidade para um encontro* (edição portuguesa: Paulinas Editora, 2013), *A noite do confessor – A Fé numa era de incerteza* (edição portuguesa: Paulinas Editora, 2014), *O meu Deus é um Deus ferido – Ao tocar as feridas do mundo, tocamos em Deus* (edição portuguesa: Editora Paulinas, 2015), *O regresso de Deus, Quero que tu sejas! - Podemos acreditar no Deus do amor?* (edição portuguesa: Paulinas Editora, 2016). O autor que já foi galardoado com vários prémios de literatura e de diálogo intercultural. É membro da Academia Europeia da Ciência e da Arte e foi consultor do Conselho Pontifício para o Diálogo com os Não-Crentes.

ⁱⁱ O nome “conspiração” deriva do verbo latino “conspirare”, que quer dizer “soprar (ou respirar) juntos”, sendo constituído pelo prefixo “co(n)” (harmonia, juntos) e pela palavra de origem “spirare” (soprar, respirar). Na sua origem, “conspiratio” significa “união”. No Dicionário de Latim-Português (Porto Editora, 1987), pode ler-se:

«**conspirativo, onis** (conspiro), *f.* 1. Acordo de sons. 2. Acordo, união, harmonia. 3. Conspiração, conjura.

1. conspiro, as, are, avi, atum (cum, spiro), *v. int.* 1. Soar juntamente // *conspirant cornua*, V., soam as trombetas. 2. Estar de acordo, concordar // *conspirate nobiscum*, Cic., Concordai connosco. 3. Conspirar, conjurar // *in caedem alicujus conspirare*, Tac., conspirar contra a vida de alguém // *conspirare ut...*, C., entender-se para... // *conspirare ne...*, Liv, entender-se para evitar que...»

«**spiro, as, are, avi, atum, v. I. Int.** 1. Soprar // *di, spirati secundi*, V., ó deuses, enviai ventos favoráveis. 2. Agitar-se, inflamar-se, borbulhar // *flama spirat pectore*, Ov., a chama inflama-se no seu coração. 3. Respirar, viver // *vivere ac spirare*, Cic., viver e respirar // *spirantia signa*, V., estátuas que parecem vivas // *spirantia exta*, V., entranhas ainda quentes. 4. Estar inspirado, ter o sopro poético // (Com *ac. adverbial de qualificação*) *tragicum spirare*, H., ter a inspiração trágica, ter o génio da tragédia. **II. Tr.** 1. Exalar soprando, soprar // *boves flammis spirantes*, Liv., bois que exalam chamas. 2. Exalar um cheiro. 3. (*Fig.*): **a)** Aspirar, estar ávido; **b)** Estar animado, estar inspirado, viver; **c)** Dar sinais de, manifestar, anunciar // *tribunatum spirare*, Liv., manifestar os sentimentos de um tribuno.»

ⁱⁱⁱ A palavra *compaixão* tem origem no latim. A palavra original é *compassio, onis*. De acordo com o Dicionário de Latim-Português (Porto Editora, 1987), o seu significado era o seguinte:

«**compassio, onis** (*compator*), *f.* 1. Sofrimento comum, comunidade de sentimentos. 2. Simpatia, compaixão.

compator, eris, pati, passus sum (cum, patior). *v. dep. int.* 1. Sofrer com. 2. Ter compaixão (com *dat.*)»

^{iv} Fernando Pessoa, ao explicar a distinção entre prosa e verso, termina um determinado texto seu do seguinte modo: «Por isso nas *Ficções do Interlúdio* predomina o verso. Em prosa é mais difícil de se outrar.» O texto com o título “Nestes desdobramentos de personalidade ou, antes, invenções...” foi publicado em *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Fernando Pessoa. (Textos

Qual é o ‘tom’ de uma espiritualidade ‘graal’? Aprendizagem pela Conversa num “espaço-entre”

Marijke de Koning

Workshop promovido pelo grupo Espiral, Graal de Coimbra
Casa da Esquina, Coimbra, 18 de junho de 2016

estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1966, p. 105. (acedido a 18 de agosto de 2016 em <http://arquivopessoa.net/textos/4293>).